

PROFETA MIQUÉIAS: “O SOCIAL É A MINHA CAUSA”

José Carlos Leandro

1. Introdução

O texto do profeta Miquéias¹ é multifacetado em suas origens. Seus oráculos não possuem uma datação precisa, pois nas releituras feitas ao longo do tempo havia forte influência dos elementos ideológicos e teológicos, por vezes pondo as questões históricas num plano secundário. Em tudo isso, o texto profético foi revestido de uma dimensão de obscuridade. Contudo, o texto possui uma crítica profunda e articulada através de um discurso de denúncia e de esperança de uma porção periférica do povo em resistir às diversas tentativas da elite judaíta em retomar o controle de Jerusalém. Nesse aspecto, a província de Judá passa a assumir ideologicamente a imagem de uma terra que reestrutura a dinastia davídica. Diante deste cenário de aparente derrota e desolação, a imagem profética do Messias evangélico será construída (Mq 5,1-4a). A mensagem profética em Miquéias, mesmo havendo uma forte influência do conteúdo do profeta Isaías, difere desse por possuir uma crítica e um compromisso social em prol dos povos periféricos de Jerusalém, sobretudo ao condenar os grandes latifundiários (Mq 2,1-5; 3,1-4), os sacerdotes (Mq 3,11) e os príncipes (Mq 3,1; 3,11). Até os “profetas” e adivinhos não escaparam de seus oráculos (Mq 2,6-11; 3,5-8; 3,11; cf. 4,9-14). O tom áspero de seus discursos pretende revelar mais que uma sentença de destruição. Desejam, pois, anunciar uma nova realidade onde a Justiça e o Direito possam servir aos mais sofridos.

2. Raízes sociais do profetismo

Na tradição hebraica, os livros de Isaías até Malaquias são denominados como “Profetas Posteriores”. Já os que vão de Josué até 2Reis são designados de “Profetas Anteriores”. O Interessante é que dos quinze profetas denominados “Literários” apenas três – os quais são relativamente tardios – são apresentados como *Profetas* nos cabeçalhos de seus respectivos escritos (Hab 1,1; Ag 1,1; Zc 1,1). Inclusive a negativa do “ser profeta” é constante entre alguns escritores. A sua identidade é reveladora de uma série de conflitos consigo e com os poderosos. Citamos alguns exemplos que evidenciam essa situação: *Amós* nega ser profeta (cf. Am 7,19). Tampouco é filho (discípulo) de profeta. *Oséias*, em sua definição, afasta o conceito de profeta para si, mesmo que o comportamento de alguns de seus contemporâneos denominarem-se de profetas. Em *Miquéias*,

1. No estudo de Milton Schwantes, publicado pelo Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos-CEBI (1989), o nome Miquéias é comum na época e já fora mencionado em outros textos (cf. 1Cr 5,5; 8,34-35). Provavelmente, significa: Quem é como o Senhor?

os profetas são apresentados como seus adversários (cf. Mq 3,5-11). *Isaiás* é casado com uma profetisa (Is 8,3). Todavia, ele não é citado como tal. Em textos posteriores, a titularidade profética delinea-se em *Isaiás* (Is 36–39; 2Rs 18,13–19,26). O caráter opositivo em relação à função profética também é revelado ao longo da missão (Is 3,2).

A concepção original do termo indica para “enviados”, “enviar”, onde se busca legitimar a missão/tarefa profética. São encarados como mensageiros do anúncio e/ou denúncia. Tal afirmativa encontra amparo na característica introdutória da fórmula de mensageiro: “Assim disse Javé!” No tocante à descrição da função dos “enviados” ou mensageiros, o verbo “profetizar” é utilizado com frequência e sem restrições (cf. Am 3,8; 7,15s; 2,12; 7,12; 15,16; Mq 2,6; Jr 19,14; 20,1; 25,13.30; 26,9.11s.18,20; 28,8; 29,27; 32,3; Ez 4,7; 6,2; 11,4.13; 12,27; 13,2.17; 21,2; 14,19,33; 25,2; 28,21; 29,2; 30,2; 34,2; 35,2; 36,1.3.6; 37, 4.7.9s.12; 38,2.14.17; 39,1; Jl 3,1/cf. 1Rs 22).

Recebem de seus opositores diversas designações relacionadas com sua prática: perturbadores, agitadores (cf. 1Rs 18,17); conspiradores/subversivos (Am 7,10; Is 8,12); “doidos”/tolos (cf. 2Rs 9,11; Jr 29,20; Os 9,7). Sua prática subverte as estruturas no que de mais injusto lhe é inerente. Com isso, a missão profética está intrinsecamente ligada ao direito à vida e à liberdade. Sua vocação liga-se, pois, com a dinâmica conflitiva das relações sociais.

Todavia, a evolução do termo que designa os profetas passou a possuir um sentido genérico sem especificar as diferenças. Em Miquéias e em Amós as denominações de profetas não lhes são constitutivas de sua prática. Pelo contrário, o título pertence aos seus adversários. O ambiente profético apresenta-se, pois, marcado por uma relação conflituosa e, ao mesmo tempo, antagônica. O profeta, neste aspecto, quer se distanciar dos “profetas”.

Como distinguir o verdadeiro do falso profeta? Alguns elementos caracterizam o verdadeiro profeta: ele é uma pessoa sofrida, consciente de sua vocação, possui uma moral vinculada à sua mensagem transformadora, os seus anúncios, ao serem efetivados, o tornam reconhecido perante o povo, e estão vinculados a uma tradição anterior. Todavia, tais critérios não fornecem uma garantia perfeita para a identificação do “ser profeta”.

Na falsa profecia, uma das características marcantes é a aparição de seus representantes em grupos. Estão no âmbito da corte e dos templos centrais (cf. 1Rs 18,19), possuem uma estreita ligação com os sacerdotes (cf. Mq 3,11), falam em uma paz alheia à problemática da vida das pessoas (cf. Mq 6,14; 8,11; 23,17; Mq 3,5). Descontextualizam sua mensagem dos reais problemas do povo.

O elemento diferencial da profecia dos “verdadeiros profetas” consiste em revelarem o anúncio ao Israel de seus dias o fim de sua aliança com Javé e com isso o fim de sua existência. A mensagem dos profetas constitui-se de palavras de juízo contra todo o Israel. A ruína está direcionada a todo o povo. A existência de Israel era o fator principal desse período que confirmava em diversos planos, sobretudo no religioso, que Deus está abençoando o povo para garantir-lhe a sobrevivência em meio a tantos conflitos.

A atuação dos profetas é conduzida como uma mensagem que sentencia o povo à morte ao abandonarem o plano de Javé. O que diferencia o discurso dos grupos proféticos (profetas falsos, cúlticos, pré-literários e, inclusive, alguns literários) dos considerados verdadeiros é a abrangência da ação destruidora (salvadora na perspectiva da fé em Javé; cf. Mq, Am, Os e outros literários).

No discurso de alguns profetas a “solução” estaria localizada na destruição de certas pessoas, como os reis, vindo a ser substituídos em seguida. Todavia, para alguns o extermínio era mais amplo: rei, corte e povo (cf. a postura de Eliseu e Oséias diante do levante do general Jeú – cf. 2Rs 9,1-13//Os 1,4). Enquanto Eliseu achava que a solução encontrava-se na substituição do rei, em Oséias o que interessa é o fim de todo o reinado. Eliseu quer preservar as estruturas políticas, apesar de propor alternativas corretivas (cf. Jr 28; 35). Também existiam “vozes da oposição” (cf. Natã), revelando uma descontinuidade com a corte e o templo. Enfim, profecia e reinado são realidades contemporâneas e antagônicas, na maioria dos aspectos.

Segundo Soares, os povos antigos tinham o costume de atribuir aos profetas e profetisas o papel importante da “assessoria” para ajudar ao povo a compreender a realidade e perceber a presença de Deus nela². Nesta perspectiva, adianta Soares, o sistema tributário ilude o povo sofrido e o oprime a partir do sistema ideológico do trono e do templo (cf. Mq 3,12; Os 8,3-4; 13,11). As causas históricas do povo, como a luta pela liberdade, pela posse fraterna da terra, pela convivência do povo com o direito e a justiça em suas relações cotidianas, é que representam o verdadeiro culto a Javé.

3. Reis e profetas: uma relação conflitiva

Foi o episódio ocorrido sob Saul (por volta do século X aC), que favoreceu a consolidação do reinado. Existia um provérbio antigo que dizia: “também Saul está entre os profetas?” (cf. 1Sm 10,12; 19,24), o qual parece indicar certa congruência entre o reinado espontâneo e carismático promovido por Saul e o movimento extático dos profetas anteriores. Na realidade, a profecia é apresentada como o fim do sistema monárquico (cf. 1Sm 3,20; 13,8-15; 1Sm 8,11-17). Isto evidencia que esses dois grupos, profetas e reis, estão em permanentes conflitos de diversas ordens.

Em Samuel e Saul a dicotomia existente entre rei e profeta começa a delinear seus primeiros passos. Todavia, é a partir de Davi que a monarquia estrutura-se com maiores semelhanças com os moldes cananeus (1ª metade do século X aC): exército permanente, capital central, culto oficial. Dois são os profetas que atuaram neste período: Gad e Natã (1Sm 22,5; 2Sm 7,2). A sua circulação no âmbito de poder de Davi não os descredencia de denunciar os desmandos da corte e sua estrutura opressiva. A presença de Aías, o Silonita, é uma tônica crítica ao modo de governar, bem como denuncia a espoliação econômica de Salomão (965-926 aC). Jeroboão recebe a oposição deste mesmo profeta, junto com um “Homem de Deus” (cf. 1Rs 11,26-33; 13,1-10; 14,1-18). Neste aspecto, a humanidade do profeta, ao assumir sua vida como missão

2. SOARES, Sebastião Armando Gameleira. *Denúncia profética e utopia do reino*, p. 121-148.

de Deus em defesa dos sofridos, representa uma pertença do profeta com o caminho histórico de Javé.

Todavia, uma marca específica da mensagem profética foi a censura aos atos que os líderes praticavam contrários aos ideais do javismo, fundamentada em uma postura ética diferenciada e comprometida com os mais pobres. Esse “moralismo” possuía suas bases no direito antigo, como expressão de uma sociedade estruturada na Justiça Social, mais do que num sentimento individualizado (Natã, em 2Sm 12; Elias, em 1Rs 21; Jr 7; Am 5,10-24; 8,4-7; Is 5,1-7).

A oposição aos reis e às instituições que veiculam a ideologia da opressão é uma das características principais do livro de Miquéias. O profeta Jeremias também está inserido na crítica ferrenha aos grupos e indivíduos que buscam, ancorados na ideologia do trono e na teologia do templo, subjugar os pobres da terra. Em Mq 3,12³ está uma das críticas mais audaciosas de aniquilar, em nome de Javé, o templo: *“Pois por vossa causa Sião será um campo arado, Jerusalém será uma ruína, o monte do templo, um morro de matas”*.

4. Miquéias e seu tempo

Conforme Mq 1,7, Miquéias é originário de Morasti, uma vila do interior do reino de Judá. Essa localidade se encontrava na planície, a região mais fértil e produtiva do país. Morasti fica nos arredores de Gat (cf. Mq 1,14), uma importante fortaleza militar da região. Grande parte da produção de trigo e cevada saía dos campos aí cultivados. O profeta era, portanto, de origem camponesa e isso pode se perceber através de sua linguagem e dos temas por ele abordados.

Miquéias foi contemporâneo de Isaías. Enquanto Isaías morava e atuava na capital, ele vivia no interior. Por isso não é nenhum acaso que os “anciãos da terra”, os colonos do interior, guardassem suas palavras. Miquéias foi talvez um deles, um agricultor. Na verdade Miquéias se apresenta não como homem do campo, oposto por princípio à capital, nem como porta-voz de classe oprimida, atacando principalmente os dirigentes com o testemunho de Javé. Arrasado pelos sofrimentos de sua região, devastada pela guerra, ele se viu isolado entre os profetas, mas permaneceu cheio de coragem para assumir a missão que o Deus de Israel lhe tinha confiado (Mq 3,5-8). Percebemos neste texto que o v. 8 é a única passagem na qual o profeta faria alusão a sua vocação. Em Mq 7,7 ele exprimiria com firmeza sua fé e sua esperança, demonstrando uma consciência mais clara de sua missão. Desta forma, a compreensão da missa profética em Miquéias é mais que possuir um título perante o seu povo. Sua adesão às carências sociais e críticas aos atos dos governantes é que lhe confere o grau de pertença a determinado grupo social.

3. Esse texto de Miquéias (3,9-12) fundamentará, cem anos depois, a defesa do profeta Jeremias em relação às críticas feitas pelos sacerdotes e profetas, os quais, após o terem escutado que recebeu ordem de anunciar que Javé iria destruir o templo e a cidade de Jerusalém, agarraram Jeremias e o acusaram de um crime digno de pena de morte (cf. Jr 26). In: KILPP, Nelson. Jeremias diante do Tribunal. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 46, n. 1, p. 52-70, 2006.

Miquéias ao que parece conhecia muitas as autoridades civis e religiosas de Jerusalém, porque as julga com severidade e lucidez. As suas denúncias foram, sobretudo, contra Judá. Censurou o militarismo, a confiança no poder das armas como o pecado principal, porque toda a força militar é expressão do orgulho humano e da falta de fé em Deus (Mq 1,13). Algumas das denúncias de Miquéias revelam-nos que ele não se intimidou em criticar as diversas instituições que oprimiam ao povo:

- a) **Contra os grandes proprietários:** *“Ai daqueles que planejam crimes e tramam maldades em suas camas. Quando acordam, eles praticam o que planejaram. Cobiçam e roubam as terras dos camponeses, as suas casas e outros pertences das comunidades. E assim oprimem o povo e destroem a organização fraterna do povo da roça. Mas o Senhor vai mandar uma desgraça contra essa quadrilha”* (Mq 2,1-5).
- b) **Contra os juízes corruptos:** *“Que os juízes escutem! Vocês, que têm todo o poder na mão: por acaso o seu dever não é praticar o direito e defender os pobres? Por que, então, são inimigos do bem e amigos do mal? Vocês arrancam a pele dos camponeses! Esmigalham os ossos e espicacem o povo camponês como se faz com a carne na panela. Devoram a carne dos pobres. Vocês são ‘açougueiros’ dos pobres. Privam o povo dos seus direitos. Não adianta vocês quererem enganar a Deus. O Senhor vai se afastar de vocês, pois agiram mal”* (Mq 3,1-4).
- c) **Contra as injustiças sociais:** *“Deus não suporta os pesos falsos de vocês comerciantes! Vocês estão enganando os pobres. Vocês ricos estão cheios de violência. O povo do país vive numa mentira só. Só falam falsidade (6,9-12). Continuam cometendo os crimes do tempo do rei Acab, quando a idolatria e a violência contra camponeses viraram rotina. Um país assim não vai ter futuro. Só vai dar destruição e exílio (6,16). Ai de mim! A corrupção é tanta que o justo desaparece do país. As mãos são sóbrias só para fazer o mal. Os chefes são violentos, os juízes são corruptos e os poderosos são ambiciosos. Não se pode mais confiar no próximo, nem no amigo e nem mesmo com quem dorme junto (7,1-5).*
- d) **Contra Jerusalém e o Templo:** *“Ouçam, chefes e juízes, vocês fazem julgamentos abomináveis e torcem o direito. Vocês constroem Jerusalém em cima do sangue e do crime. Os chefes julgam depois de exigir suborno. Os sacerdotes ensinam só na base do dinheiro, e os falsos profetas profetizam por pagamentos. Não adianta dizer: ‘Deus está do nosso lado’. É pura ilusão. Por culpa de vocês Jerusalém vai virar um montão de ruínas e onde agora está o Templo só vai haver mato”* (Mq 3,9-12).
- e) **Contra os falsos profetas:** *“O Senhor é testemunha contra vocês, falsos profetas que enganaram o povo, que falam de paz aos que lhe dão presentes e falam de guerras aos que nada lhes oferecem. O Senhor vai tirar de vocês a profecia. Vocês serão desmoralizados e humilhados”* (Mq 3,5-7).

Mas tudo isso seria quase desconhecido, se não fosse o texto de Mt 2,6 que cita o oráculo do capítulo 5 de Miquéias. Porém, encontramos uma personalidade forte, corajosa. Do ponto de vista da origem social, Miquéias se aproxima mais de Amós do que de Isaías. A linguagem de Miquéias, porém, é bem mais dura e incisiva do que a de Amós. Os dois primeiros capítulos de Miquéias são incisivos diante das injustiças sociais, pois denunciam a iniquidade e os atos dos que “cobiçam os campos e os roubam, oprimem o varão e a sua casa” (cf. Mq 2,1-2).

Como observamos anteriormente, através dos textos de Miquéias, as suas denúncias estão relacionadas com as práticas que afetam o direito e a justiça nas mais variadas esferas das relações sociais. Já se percebe uma sensível sistematização de suas críticas às injustiças trabalhistas, onde o profeta aponta para as obras que são construídas na capital Jerusalém de seu tempo, por terem sido erguidas com sangue do povo sofrido. São diversos focos que causam desgraça para a vida do povo: sistema de crédito que desapropria devedores, comércio com ganhos ilícitos, construção civil e de obras públicas manchadas de sangue, excessos nas festas dos governantes, entre tantos desmandos (cf. Mq 2,12-15). Todavia, o profeta alimenta a esperança de que a história não acabou para o povo deserdado de Jerusalém, principalmente para aqueles que são do interior. A palavra de Javé é que dará uma nova consciência para enxergar a realidade com outros olhos (cf. Mq 2,1-5a). Ele fará o enterro simbólico dos causadores da desgraça do povo (cf. Mq 2,6b.9.12.15). Neste panorama, o profeta atua de uma forma global em suas críticas diante da violência contra o povo nos aspectos financeiros, imobiliários e políticos da cidade de Jerusalém.

5. Crítica da redação do Livro

O problema mais sério com respeito à autenticidade é levantado pelo poema do monte (Mq 4,1-4), que aparece igualmente em Is 2,2-4.

A qual dos dois profetas ele pertence? As opiniões diferem bastante. Uns o atribuem a Isaías, outros a Miquéias; outros a autores anônimos anteriores a ambos os profetas; outros ainda, a autor posterior, que teria inserido o seu poema em ambos os livros.

A principal objeção que se pode fazer à autenticidade dos caps. 4–5, na realidade, é que todo o conjunto apresenta-se demasiado rico e coerente para que se possa atribuí-lo ao profeta camponês, preocupado pelas injustiças sociais. Esta mesma objeção não tem muita força, já que se baseia em idéia preconcebida deste profeta, de quem poucos dados pessoais possuem.

O problema da autenticidade é secundário. O principal é a mensagem que estes capítulos transmitem. É difícil decidir se este projeto tão elaborado reproduz autêntica discussão pública com os falsos profetas ou se é o resultado de atividade literária posterior. Provavelmente, estes capítulos são de redação de um único autor.

No que se refere aos caps. 6–7, as opiniões também diferem muito. Alguns consideram que eles sejam do Miquéias judaíta; outros atribuem a um poeta anônimo israelita. Numerosos críticos distinguem entre Mq 6,1-7 (datas de períodos diferentes) e Mq 7,8-20, que poderia ter sido composto na queda de Samaria.

No tempo de Ezequias existiu um primeiro núcleo de declarações do profeta, cujo essencial se encontra em Mq 1–3. Essa coleção inicial teria sido retocada e completada por redator deuteronomista, ao qual devemos especialmente Mq 6,2-8 e 7,1-6. Um editor do século IV, pertencente aos meios sacerdotais, possivelmente, teria feito novos acréscimos à obra (uma glosa como 2,12-13); o salmo final (7,8-10.14-20) e principalmente o conjunto formado pelos capítulos 4 e 5 conferem ao livro de Miquéias perspectivas escatológicas e messiânicas originais. Depois dessa intervenção, o livro corresponde, com algumas exceções, a sua apresentação atual.

6. O chão do Livro de Miquéias

O discurso do profeta está situado num determinado contexto que ajuda a compreender a extensão de sua mensagem. Analisar alguns aspectos da dinâmica social na qual está inserido o profeta é fundamental para historicizar sua voz.

6.1. A geografia

Morasti fica perto da fronteira com a Filistéia, aproximadamente a 35Km a sudoeste de Jerusalém (Mq 1,1.14). Pela linguagem utilizada por Miquéias, conclui-se que, possivelmente, ele seja proveniente do ambiente rural. Morasti era uma aldeia situada nas proximidades da Sefelá (região interiorana e agrícola de Judá). A Sefelá é caracterizada por uma cadeia de colinas aos pés das montanhas de Judá, entrecortada por vales e riachos intermitentes (Wadi). A região possuía uma importância militar e econômica para o país. Ao nível militar, essa aldeia de Judá propiciava um controle sobre as rotas de deslocamento dos grandes exércitos, a fim de se estabelecer seus propósitos expansionistas e atingir seus alvos: o Egito para atingir o norte da Síria e a Mesopotâmia, e os impérios situados no norte para chegarem até o Egito. A região era bastante fortificada e as cidades protegidas na dimensão econômica. A Sefelá possuía uma importância singular (era o celeiro do reino: terra vermelha e fértil produzia cereais, uvas, olivas e sicômoros, além de ser rica em bosques). Ou seja, a preservação da Sefelá é uma questão militar e econômica que perpassa os interesses da nação Israelita.

6.2. Política

Os textos não colaboram para precisar melhor a época de Miquéias. Contudo, uma data aproximativa vai se impondo na análise dos textos (Mq 1,2-7, a capital do reino de Israel ainda não foi destruída). Miquéias atuou no reino de Ezequias, conforme relato em Jr 26,8 (tradição). Diante disso, a pregação do profeta está situada entre os anos 727 e 701 aC. A problemática na Sefelá faz com que Miquéias vá profetizar em Jerusalém.

Entretanto, a menção dos reis Joatã, Acáz e Ezequias dão a entender que Miquéias desenvolveu uma atividade profética durante um longo tempo, talvez entre os anos 740-700 aC, de acordo com a informação contida no livro. Provavelmente, Miquéias esteve em atividades sob Ezequias. É o que sugere Jr 26; 29 e suas alusões às campanhas assíri-

as contra esse mesmo rei por volta de 703-701 aC. Segundo o texto em Mq 1,1 o profeta atuou, provavelmente, sob quatro reis, o que aparece supor atividades de uns quarenta anos, em contraste com a brevidade de seu testemunho escrito. O livro poderia ser apenas o resumo da mensagem do profeta, mas isso é pouco provável.

A situação do tempo de Miquéias foi marcada por muitas guerras. Foram anos terríveis para o reino de Israel e para o reino de Judá. A grande potência era a Assíria. O reino de Israel recusou pagar os tributos e os assírios cercaram a capital Samaria durante três anos. Samaria caiu e o reino do Sul acompanhou esta trágica queda. Foi um abalo grande para todos, pois tinham um passado em comum e a mesma fé em Javé.

O império assírio nunca desistiu da sua ganância de possuir bens e poder. Cobravam pesados impostos. Dominava com força bruta. Gat era uma fortaleza militar controlada pelo exército de Judá, mas sempre cobiçada por outros exércitos. Havia uma contínua movimentação de tropas. As roças e casas eram saqueadas e roubadas pelos donos do poder, sobretudo os militares (Mq 2,1).

6.3. Economia

Em Judá, neste período, o território estava em derrocada econômica. Foi perdido o território estrangeiro ganho por Ozias, o qual incluía Edom e o porto de Asiongaber. Foi perdido durante a guerra arameu-israelita. Sua maior parte nunca mais foi recuperada. Tal situação provocava uma perda enorme de vendas. Em contrapartida, a carga tributária imposta pela Assíria era bastante pesada, e Acaz satisfazia às exigências estrangeiras tirando o que restava dos tesouros e recursos do Templo (2Rs 16,8.17). Tal situação era sentida principalmente pelos súditos. Ou seja, em Judá a decadência social e moral, a qual havia destruído Israel, começa a dar seus sinais.

6.4. Sociedade

Todavia, a decadência religiosa e a deterioração social atingidas por Israel ainda não chegaram, nesta época, ao mesmo patamar em Judá. Em Israel, ao contrário de Judá, havia uma apostasia generalizada descrita por Oséias no norte. Apesar das extorções da Assíria sobre Judá, a economia nacional ainda gozava de certa estabilidade, pois Ozias tinha estruturado suas bases. Apesar das reformas religiosas instauradas pelo rei Ezequias, a situação era de muita corrupção e injustiça. Os camponeses estavam sendo vítimas de um grande mal: o latifúndio foi tomando terras, matando a liberdade, as tradições e os costumes de vida. Jerusalém tornou-se a casa do pecado (1,5). Lá moravam os piores corruptos e exploradores. Eram os falsos profetas, que só profetizavam na base do dinheiro. Eram os juizes e sacerdotes corruptos, que se vendiam aos que ofereciam mais dinheiro (Mq 3,9-11). Para os camponeses a situação tornou-se muito pesada. Eram assaltados e espoliados pela Assíria e pelos chefes corruptos de Jerusalém. A tão falada reforma religiosa do rei Ezequias só ficou em ritos e palavras utópicas. Assim, os problemas se acumularam: campo explorado pela cidade, e ambos cobiçados pelo estrangeiro.

6.5. Cultura

Entretanto, em Isaías e em Miquéias, percebe-se que Judá está na mesma trilha de destruição que se abateu em Israel. Com a reação pagã imposta sob Acáz a situação piorou. O paganismo desestruturou as bases da aliança com Javé. Amós (6,1) e Miquéias (1,5) igualam as classes ricas e dominantes de Israel e Judá em seus interesses. Havia a expropriação constante dos pobres pelos grandes proprietários de terra (Is 3,13-15; 5,1-7.8; Mq 1-9). A corrupção atingindo o judiciário impedia aos pobres recorrer a alguém (Is 1,21-23; 5,23; 10,1-4; Mq 3,1-4.9-11). Os poderosos pouco se importavam com a situação dos pobres (Is 3,16-4,1; 5,11-14.20-23). A *religião oficial*, assim como em Israel, não se manifestou diante da situação de exploração do povo. Estava intrinsecamente dependente dos nobres e dos interesses do Estado. O culto sofisticado e muito bem mantido era um sinal de que passava pelos rituais de sacrifícios as exigências de Javé para com o povo (Is 1,10-17). O clero era corrupto (Mq). A preocupação dos sacerdotes estava voltada somente com seus lucros. Os profetas se desvirtuaram de seus propósitos e ajustavam seus oráculos pelo volume dos seus rendimentos (Mq 3,5-11). Existia, também, a presença da luxúria (Mq 2,11; Is 28,7-22).

Os abusos econômicos predominantes em Judá foram alvos das denúncias de Isaías e de Miquéias. A pregação do profeta Miquéias, que atacava essa situação de exploração, deu um impulso na reforma de Ezequias. O rei Ezequias tinha o apoio do profeta Isaías, fato pelo qual o mesmo não deve ser confundido com a classe dirigente conivente com as injustiças manifestas.

7. Miquéias e Jerusalém

A evolução redacional de Miquéias foi reconstruída por diversos autores que estavam preocupados com as incongruências do texto. Segundo Lago, esse processo está dividido em três fases. Num primeiro momento, existia um núcleo original de profecias de Miquéias, situadas no século VIII. Estas têm um teor mais negativo, nos oráculos contra Jerusalém. Em seguida, numa perspectiva redacional pós-exílica, existem textos em forma de pequenos poemas, que projetam Jerusalém numa dimensão escatológica. Por fim, o texto provavelmente teve uma revisão final, talvez no período persa ou grego, que deu uma tonalidade escatológico-messiânica aos oráculos.

A ação do profeta Miquéias na Bíblia não é tão evidenciada quanto a de seus contemporâneos. Praticamente não se tem informações de Miquéias no segundo livro dos Reis, e nas histórias do Cronista, quando em suas narrativas descrevem os reinados de Joatã, Acáz e Ezequias. Faz-se uma única referência explícita de um dos oráculos de Miquéias (3,12) no livro do profeta Jeremias (cf. Jr 26,18-19). Essa citação ajuda-nos, possivelmente, a situar Miquéias no contexto da conjuntura da época de Ezequias. Jeremias, segundo alguns autores, organizou seu material a partir de profetas que estiveram imbuídos de perspectivas ideológicas afins, em vez de seguir uma ordem cronológica dos pronunciamentos proféticos. Percebe-se que a temática recorrente e que organiza a seção é a reinterpretação do exílio como evento que possibilitou, a partir do so-

frimento e do castigo, uma mudança nos rumos da vida do povo e o surgimento de uma nova aliança.

8. Miquéias e os conflitos sociais

O texto de Miquéias apresenta um cenário de conflitos de diversas ordens. Crimes, destruição, brigas entre os grupos poderosos que praticam a injustiça e distorcem a verdade em benefício de seus atos. Na contramão desses grupos estão as figuras periféricas que buscam a mudança de qualquer forma, mesmo com o uso da violência. Todavia, o próprio texto de Miquéias apresenta uma realidade paradoxal diante dos conflitos. Existem também os oráculos de esperança e de reconstrução, a partir da reconstrução do povo sem os conflitos. A situação é mais conflitiva. Todavia, percebe-se ao longo dos textos de Miquéias uma tônica de equilíbrio de forças. Alguns autores conjecturam que as seções agressivas de Miquéias pertencem ao período pré-exílico. Já a perspectiva das visões de perdão e esperança seriam releituras dos séculos posteriores (VI/IV). As ameaças pré-exílicas não desapareceram do texto. Tiveram uma retextualização mais ideológica do que histórica.

9. Organização do texto de Miquéias

Uma das divisões do texto profético de Miquéias o organiza em dois blocos. Os blocos possuem uma relação estrutural interessante. Possuem uma parte negativa na qual figura um rol de acusações e ataques, e outra, mesmo com a situação ser de ordem conflitiva, como assinalamos anteriormente, apresenta uma conclusão de esperança. Mq 1,2–3,7 (seção A) apresenta o processo e a sentença contra Jerusalém, a qual é chamada de cidade da injustiça. Nos capítulos 3,8–5,14, o povo da periferia nutre a esperança e a revolta no âmago do ser. Estão grávidos por justiça (seção B). Em Mq 6,1–7,6 o profeta retoma as críticas e o processo contra Jerusalém, que continua insaciável diante de sua fome de injustiça (seção A')⁴. A ação de revolta de Jerusalém a jogará na lama, revelando, dessa forma, toda a perda de seu brilho de outrora (Mq 7,7-20; seção B').

A partir de uma análise cuidadosa das seções percebe-se nos blocos A e A' a convocação para um julgamento e a instauração de um processo. Contudo, nas seções B e B', segundo Lago, há uma ênfase na expressão “mas eu”, que revela a introdução da voz ativa de quem fala, contrapondo-se, dessa forma, aos acusados em A e A'.

Os dois processos de A e A' são protagonizados pelo próprio Javé. É ele quem move a ação. A acusação é oferecida pelo próprio Deus, que desce de sua morada para participar de um processo criminal (cf. Mq 1,2-4). Interessante é perceber que os papéis do processo são cumulativos: Javé é simultaneamente acusador e ofendido, que convoca as testemunhas e os acusados, tudo conforme os ritos antigos do direito. As testemunhas do autor da causa são de “peso”, as montanhas (Mq 6,2). Diferentemente

4. Segundo SCHWANTES (1987), esse conjunto representa uma crítica social mais central, pois há ameaça contra a cidade (6,9-16), a linguagem é mais genérica e possui uma semelhança estilística com outros textos exílicos (cf. Am 2,10-12; Jr 6,19-21).

do entendimento do rito processual moderno, os processos nos textos proféticos conjugam apenas duas partes: acusado e acusador. As testemunhas possuem apenas um papel de observadores. Elas não opinam, nem produzem qualquer tipo de provas, seja contra ou a favor. A sua participação serve para que o acusador garanta o respeito pelo que ficou acordado (cf. Rt 4,1-12). Possuem até a obrigação de executar alguém, caso a sentença seja de pena de morte (cf. Dt 21,18-21).

10. Rebeldia do povo de Javé

A denúncia do profeta não se limita apenas aos de fora. Pelo contrário, ela também atinge os de dentro da “casa de Jacó e da casa de Israel” (cf. Mq 1,5; 3,8; 6,2). Em Mq 3,9-10 os chefes de Jacó e os governantes de Israel estão costurando alianças para os seus planos criminosos e excludentes. Jerusalém torna-se sinônimo de injustiça e de infidelidade, fonte de todo tipo de crime contra o povo e, sobretudo, contra Javé. A cidade de Jerusalém é comparada aos “lugares altos”, numa clara alusão à idolatria e à infidelidade, formas de perda de identidade do ideário clânico e da organização do povo. Todavia, ainda persiste a esperança na reconstrução de Jerusalém. A cidade que precisa de reconstrutores é anônima. Esse aspecto alude ao espírito da criação presente nos textos do pós-exílio, nos quais Deus cria e dá nome às coisas novas e criadas (Mq 7,8-10).

A crítica social em Miquéias metaforiza Jerusalém como um campo sem vida, improdutivo. A semelhança com a destruição de Samaria, outra potência que ostentava seus lucros decorrentes das alianças feitas com diversas nações, é inevitável (cf. Mq 1,8-16). Na trama textual em Miquéias, os chefes e governantes de Jerusalém são entidades que revelam a fraqueza institucional dos diversos grupos: políticos e magistrados (cf. Mq 3,1-2; 7,3) são pessoas ligadas à tradição espiritual do povo, como os profetas, os videntes e adivinhos (3,5-7) e os sacerdotes (3,11). Toda essa realidade demonstra como o povo se encontrava desamparado por aqueles que deveriam cuidar de suas necessidades. Um aspecto constatado por Lago é a ausência da figura do rei em Mq 4,9. O texto é confuso, pois pode ser um indicativo contrário à datação pré-exílica dos oráculos em razão de os profetas desse período terem um posicionamento definido diante da figura do rei, seja apoiando-o ou criticando.

11. Conclusão

A consciência da missão profética fez com que Miquéias tivesse uma crítica mais ferrenha contra as instituições que oprimiam o povo. Mesmo que o consenso entre os estudiosos bíblicos atribua apenas os três primeiros capítulos à autoria de Miquéias, percebe-se uma forte influência do seu pensamento nos capítulos posteriores. Ele mostra que a estrutura de Estado, que oprime e massacra o povo, deve desaparecer (Mq 3,10-12). É na cidade opressora de Jerusalém que residem os poderosos, os que matam e escravizam o povo a partir da estrutura estatal. A mensagem radical de Miquéias propõe, inclusive, a destruição da cidade de Jerusalém como forma de restabelecer o convívio social entre as pessoas, baseado no direito e na justiça. Por fim, mesmo que o texto de Miquéias tenha passado por diversas mãos, a sua mensagem é de es-

perança numa Jerusalém onde habite o Direito e a Justiça entre os povos: “*E acontecerá no fim dos tempos que o monte da casa do Senhor estará estabelecido no alto dos montes e se elevará acima dos morros. E para ele afluirão os povos, e muitas nações irão e dirão: ‘Vinde e subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que ele nos ensine seus caminhos, e para que nós andemos nas suas veredas. Pois de Sião provém a orientação, e palavra do Senhor de Jerusalém’*. Ele julgará entre muitos povos e corrigirá nações poderosas e distantes. E eles irão fazer relhas de arado de suas espadas e de suas lanças, podadeiras. Uma nação não levantará espada contra outra nem continuarão a aprender a guerra. E cada qual se sentará debaixo de sua videira e de sua figueira. Ninguém os espanta. Pois a boca do Senhor dos exércitos o disse” (Mq 4,1-4; Is 2,2-5).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Chave para Análise de Textos Bíblicos: com exercícios de análise*. Coleção Bíblia na Mão do Povo. São Paulo: Paulinas, 2006.
- HAHN, Noli Bernardo. “Povo da Terra” e “Meu Povo” à luz de Miquéias. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis/RJ e São Leopoldo/RS: Editora Vozes e Editora Sinodal, nº 44, 1994, p. 47-52.
- LAGO, Lorenzo. Miquéias e a Reconquista de Jerusalém. In: *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, vol. 12, nº 4, p. 609-631, jul./ago. 2002.
- PIXLEY, Jorge. Miquéias o Livro e Miquéias o Profeta. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis/RJ e São Leopoldo/RS: Editora Vozes e Editora Sinodal, nº 35/36, 2000, p. 206-211.
- REIMER, Haroldo. Sair da Crise: anotações a partir do imaginário dos profetas menores do séc. VIII aC. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis/RJ e São Leopoldo/RS: Editora Vozes e Editora Sinodal, nº 42, 1994, p. 28-36.
- SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e Esperança no Exílio: História e Teologia do povo de Deus no século VI aC*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- SCHWANTES, Milton. *Igreja como Povo: Meu Povo em Miquéias*. A Palavra na Vida, nº 15. Belo Horizonte: CEBI, 1989.
- SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Denúncia Profética e Utopia do Reino. Curso de Verão: ano XV. *Produzir a esperança: projetos de sociedade e utopia do reino*. Cristovam Buarque... [et al]; org: José Oscar Beozzo. Coleção Teologia Popular. São Paulo: Paulus; CESEP, 2001.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Miquéias: voz dos sem-terra*. Comentário Bíblico – AT. Petrópolis/RJ e São Leopoldo/RJ: Editora Vozes e Editora Sinodal, 1996.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. O Estado e o empobrecimento do povo: reflexões a partir dos profetas do VIII século aC. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis/RJ e São Leopoldo/RS: Editora Vozes e Editora Sinodal, nº 21, 1989, p. 23-32.

José Carlos Leandro
Rua Pavuna, 20
Bloco D, apt. 108 – Curado
50306-970 Recife, PE
jleandrus@yahoo.com.br